

O MITO DO FEMINISMO UNIVERSAL

Débora Carvalho Reis¹

Já inicio a abordagem dessa temática com uma indagação que nos remete ao título: existe feminismo universal?

Um grupo, não só de mulheres, como de seres humanos de forma geral, jamais será uno. Isso porque, interferem na formação dos indivíduos, sem contar os fatores físicos e biológicos, os fatores históricos, políticos, culturais, religiosos, raciais e sociais.

Durante toda a história, a construção do País pautada na invasão do território, morte e escravização e violências sexuais sofridas por mulheres, sobretudo por mulheres negras, deram origem ao que chamamos de Brasil. Um marco tenebroso, desumano e criminoso que se tornou uma ferida ainda não cicatrizada, pelo contrário, que continua aberta e sangrando em forma de preconceitos raciais, de gênero e sociais.

Essas violências, me dói em dizer, parecem naturalizadas. Os índices de violência contra a mulher colocam o Brasil em 5º lugar no ranking mundial de feminicídio segundo o recente estudo disponibilizado pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública, apontando que 3.913 mulheres foram mortas no País em 2020, das quais, 61,8% foram mulheres negras². O infográfico da violência e desigualdade racial de 2021 também realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, aponta que, das pessoas assassinadas em 2020, 76, 2% eram negras³.

¹Advogada, graduada em Direito pela Universidade Católica do Salvador, mestranda em Desenvolvimento Regional e Urbano pela Universidade Salvador, pós-graduanda em Direito da Família e Sucessões pelo Complexo de Ensino Renato Saraiva, Pós Graduada em Direito e Processo do Trabalho pelo Complexo de Ensino Renato Saraiva.

²FBSP. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021**. P. 14. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/anuario-2021-completo-v6-bx.pdf>. Acesso em 2 de Ago. 2021.

³Idem. **A violência Contra Pessoas Negras no Brasil 2021**. Infográfico. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/11/infografico-violencia-desigualdade-racial-2021-v3.pdf>. Acesso: 10 de fev. 2022.

Quando tratamos da homossexualidade e violência, segundo o GGB (Grupo Gay da Bahia), em 2021 houveram 300 mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil⁴.

Todos esses dados nos leva a seguinte reflexão: mulheres brancas sofrem, mulheres brancas e LGBTQ+ sofrem, mulheres negras sofrem, mulheres negras e LGBTQ+ sofrem, mas todas sofrem de maneira igual e uniforme? O seu sofrimento é tão parecido a ponto de ser uno? Obviamente não. Preconceitos raciais e de gênero se propagaram de forma não apartada e sem nível hierárquico de importância, e sim de maneira interseccional. Não há universalização na luta de mulheres sem que haja reconhecimento e ciência desses dados. Como promover uma luta universal sem considerar que mulheres vivenciam experiências diferentes na sociedade?

Entender que o feminismo é universal é desconhecer e excluir mulheres. A famosa frase: “somos todos iguais”, remete ao entendimento de que você não me enxerga e nem eu enxergo você. A sua luta não será minha se você não me vê e isso serve essencialmente para a promoção e implemento de políticas públicas e o efetivo cumprimento da legislação, que só serão efetivas se construídas de modo a entender as necessidades dos públicos a serem atingidos/beneficiados.

Kimberlé Crenshaw em seu *Documento Para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero* explica:

“A garantia de que todas as mulheres sejam beneficiadas pela ampliação da proteção dos direitos humanos baseados no gênero exige que se dê atenção às várias formas pelas quais o gênero intersecta-se com uma gama de outras identidades e ao modo pelo qual essas intersecções contribuem para a

⁴MARCELO, José Domingo de Oliveira; MOTT, Luiz. **MORTES VIOLENTAS DE LGBTQ+ NO BRASIL**: relatório 2021. 1ª Edição. Salvador. Editora: Grupo Gay da Bahia. 2022. - (Relatórios do Grupo Gay da Bahia).Disponível em: <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/02/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>>. Acesso: 24 de fev. 2022.

vulnerabilidade particular de diferentes grupos de mulheres” (p. 174)⁵.

O feminismo não pode ser supostamente inclusivo, ele deve ser obrigatória e essencialmente inclusivo. A opressão de gênero e raça nos assombra todos os dias, e só venceremos, se de fato existir uma união, perpassando pela compreensão e solidariedade com nossas dores, com empatia referente à vivência e experiências individuais e coletivas. A emancipação é o nosso desejo e não podemos, entre nós, contribuirmos como obstáculos para a sua não concretização.

O sistema jurídico e político já atua de forma hegemônica e a cada momento demonstra não ser muito interessante a luta pela emancipação das mulheres. E porque digo isso? Porque uma reflexão profunda é necessária. O sistema que possuímos hoje se construiu de modo a definir legitimados e excluídos. Um só existe em função do outro. O monopólio de poder hierárquico social só vai existir se existirem aqueles não detentores desse poder. O sistema que existe atualmente já foi forjado de forma intencional, segregando indivíduos e distribuindo seguimentos opressivos e nós recorreremos a esse mesmo sistema para conseguir a emancipação. - Não parece certo.

Judith Butler em seu livro *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, afirma: “[...] a categoria “mulheres”, o sujeito do feminismo é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca a emancipação” (p.20)⁶.

O sistema funciona dessa forma porque existe lucratividade para uma parcela da população em detrimento de outra. Isso só vai acabar quando toda a sociedade acordar e entender o porquê e a origem de tanta violência nos diversos cantos do País e quem está sendo beneficiado com isso. É urgente entender que a luta feminista é multi e não una, e mais ainda, lutar pela mudança

⁵CRENSHAW, Kimberlé. **Documento Para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos Ao Gênero**. University of Califórnia – Los Angeles. Estudos Feministas, 2002. P. 174.

⁶BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. 20ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. P. 20.

de pensamento social no sistema que fazemos parte é imprescindível para uma nova construção social que preze pela iniquidade de forma objetiva e efetiva.